



Dor compartilhada entre gerações: HQ Confinada e temáticas da escravidão a partir da História do Tempo Presente

Gustavo Machado da Silveira¹

Resumo: Este trabalho é derivado da pesquisa que está em desenvolvimento para a dissertação, cujo objetivo é investigar a História em Quadrinhos “Confinada” como uma narrativa de representação da sociedade brasileira. Sendo publicada inicialmente no *Instagram*, a obra foi postada progressivamente durante o período de 2020-2021, e foi escrita através de uma parceria entre Leandro de Assis, homem, branco e classe média, com Triscila Oliveira, mulher, negra e de periferia. O capítulo oito, “Wakanda”, publicado no dia 21 de maio de 2020, será a fonte a ser analisada. Evidencia-se, portanto, o caráter plural da fonte e a escrita de uma narrativa afro-diaspórica para explorar representações de situações cotidianas da sociedade brasileira. Dentro destas considerações, procuro discutir a escravidão enquanto um objeto de estudo da HTP partindo da conceituação da mesma enquanto um processo de violência estatal que, mesmo após seu fim, se faz presente devido à dor e aos traumas encontrados na atualidade e a sua representação nos quadrinhos. Essa proposição tem como base teórico-metodológica os estudos latino-americanos para a História do Tempo Presente. De acordo com Montaña, Ortega e Ovalle (2020), os processos traumáticos que estas populações teriam sofrido são vinculados às violências de Estado e suas consequências na sociedade. Embasados pelo conceito de coetaneidade, estes autores argumentam que a HTP pode abordar discussões muito mais longínquas do que se pensava na Europa, originalmente.

Palavras-chave: História em Quadrinhos; História do Tempo Presente; Coetaneidade; Escravidão; Narrativa Afro-diaspórica;

Introdução

A categoria “identidade” é um importante tema de estudo dentro da área das Ciências Humanas e Sociais. Muitos articuladores vão designar a identidade como um marcador da diferença (SILVA et al, 2014), havendo uma separação entre um “eu” e “outro” através de adjetivos antagônicos que, direta ou indiretamente, delimitam uma classificação, que por sua vez pode ser hierarquizante. De acordo com Quijano (2005, p. 117), a ideia de raça, no seu sentido moderno, foi originada na América como marcador da diferença entre conquistadores e conquistados. Os colonizadores, homens brancos e europeus, estabeleceram uma hierarquia pautada na cor e no progresso civilizatório frente aos “outros”, negros e indígenas. A relação

¹Mestrando em História, pelo Programa de Pós-Graduação em História da FAED/UDESC. Pesquisa realizada com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e desenvolvida na linha “Linguagens e Identificações”, com orientação da prof.^a Dr.^a Nucia Alexandra Silva de Oliveira. E-mail: guxtams@gmail.com.



estabelecida entre esses grupos foi de dominação, pautada na ideia de superioridade racial branca perante aos demais.

No período pós-colonial percebeu-se que a estrutura social do país continuou a mesma, por meio de uma dominação que possui novas roupagens. Embora não estejamos mais fragmentados em hierarquias raciais, percebe-se que as hierarquias sociais podem ser classificadas entre designações: elitizadas e subalternizadas. A raça continua sendo um dos principais marcadores da diferença entre esses grupos. É atribuída a essa relação de dominação/subjugação pautada na noção da raça o termo de “Colonialidade do Poder” (Quijano, 2005), isto é, um conjunto de práticas sociais que está diretamente ligada à estrutura dominante, legitimando e naturalizando as diferenças sociais. Uma característica que deixa em evidência a noção da Colonialidade do Poder é o racismo, que por sua vez tem muitas facetas na sociedade brasileira. Santos (2022) aborda que essa discriminação acontecia de maneira diferente no período colonial, mas que se faz presente na atualidade pautada no termo “racismo estrutural”.

Dentro da perspectiva da “Colonialidade do Poder”, evidenciando a característica do racismo na estrutura social dominante, existem outros tipos de subjugação para ampliar a marcação da diferença entre brancos e negros. Por exemplo, atribui-se à noção de “Colonialidade do Saber” a ação violenta de negar acesso à produção do conhecimento para a população racializada. Carneiro (2005), dialoga com Boaventura Sousa Santos (1997), para atribuir a essa negação o conceito de “epistemicídio”, definindo-o como uma prática que constitui um dos instrumentos mais eficazes da dominação étnica/racial. Problematisa-se, assim, uma ausência da escrita da História por mãos negras. Nascimento (2021) apontou, ainda em 1974, que a historiografia brasileira vinha sendo escrita por mãos brancas, construindo uma narrativa estereotipada e homogeneizante do sujeito negro na sociedade brasileira.

O pesquisador Nobu Chinen (2019) analisou que essa estereotipização das populações afrodescendentes também estão presentes nas Histórias em Quadrinhos brasileiras. Em um primeiro momento, notou uma ausência de personagens negros em relação a proporção direta da população no recenseamento do IBGE de 2010. Outra questão levantada pelo autor diz respeito à padronização da representação de certos atributos físicos dos personagens afrodescendentes, evocando estereótipos dos corpos negros. Por fim, Chinen (2019) ressalta que nos últimos anos do século XX e início do século XXI há uma crescente valorização da

cultura africana e afro-brasileira, e conseqüentemente surgiram produções menos estereotipadas.

A História em Quadrinhos intitulada “Confinada” é uma obra que aborda as populações afro-brasileiras com menos estereótipos. Resultante da parceria de Leandro de Assis, um homem branco, hétero e classe média, com Triscila Oliveira, uma mulher negra e periférica. Importante abordar que tais características são meios para atribuir uma identidade e um lugar de fala a qual ambos os autores estão inseridos. Leandro escreve a narrativa do ponto de vista da branquitude a qual se insere, enquanto que Triscila ajuda com a perspectiva oposta, de suas vivências enquanto mulher negra e periférica. A narrativa possui duas protagonistas de classes antagônicas fazendo o isolamento social contra a pandemia da Covid-19 juntas. Publicada progressivamente entre abril de 2020 e abril de 2021 por meio da rede social digital *Instagram*, a obra permite reflexões sobre a sociedade brasileira, na sua conjuntura histórica e presente.

Este trabalho é derivado da pesquisa que está em desenvolvimento para a dissertação, cujo objetivo é investigar a História em Quadrinhos “Confinada” como uma narrativa de representação da sociedade brasileira. Neste texto procuro discutir através do capítulo 8, chamado “Wakanda”, como os autores abordam a temática da escravidão na obra. Para além disso, discuto sobre de que forma esse processo violento pode ser lido como uma História do Tempo Presente à luz das noções de “coetaneidade”, cunhado por Julio Aróstegui, e utilizado por Eugenia Allier Montaño (2020).

Internet e Histórias em Quadrinhos como fonte de pesquisa: quais metodologias?

Conforme abordado inicialmente, este trabalho se insere enquanto uma análise de uma História em Quadrinhos (HQ) que, por sua vez, é publicada inicialmente na Internet. Desta forma são necessárias duas metodologias distintas, podendo ser acrescentada uma terceira forma de análise se tratando de quadrinhos digitais, especificamente. Esses objetos ganharam destaque nos últimos anos, especialmente para os estudos dentro da História Cultural. Numa perspectiva da História do Tempo Presente, podem ser utilizados enquanto janelas para compreensão de questões sociais, históricas e políticas que permeiam os eventos recentes de nossa sociedade – como é o caso da Pandemia da Covid-19, recorte temporal da obra “Confinada”.



Waldomiro Vergueiro (2017), teórico da área de comunicação, acredita que as Histórias em Quadrinhos possuem grande potencial no estudo acadêmico, seja nas disciplinas de linguagens até mesmo na área da História. Discorre sobre qual “perspectiva” utilizar para analisar as HQ’s, cabendo aqui uma ênfase em duas delas: a sociológica e a histórica. Nesta primeira, é possível debater sobre os agentes sociais e como eles moldam a sociedade, “também permite verificar como as histórias em quadrinhos refletem normas sociais, atitudes em relação a grupos minoritários, conflitos de valores ou lutas de poder” (Vergueiro, 2017, p. 90). Já através de uma análise de uma perspectiva histórica, conseguimos estudar sobre certos eventos ou fenômenos históricos, deve-se considerar esse ponto de vista quando se deseja saber sobre as condições de produção das HQ’s e para quem elas foram escritas.

Nesta mesma obra, Vergueiro aborda os tipos de metodologias de análise para o estudo das Histórias em Quadrinhos. Descrevo três que serão utilizadas, em menor ou maior grau, no processo deste trabalho. Primeiramente, será feita uma análise histórica para descrição da época e dos acontecimentos estudados; o segundo passo consiste na análise do conteúdo através da seleção de categorias presentes na obra para eventual discussão. Por fim, em último momento, será feita uma análise semiótica para interpretar os signos e significantes dentro do quadrinho. Esta última metodologia é melhor trabalhada por Barbara Postema (2018), para ela “os quadrinhos produzem inúmeros códigos na construção do significado” (p. 19). Desta forma, ao investigar os desenhos são problematizadas as expressões corporais, as falas e as demais ilustrações a fim de atender os objetivos de análise.

Neste ponto de vista, considera-se as Histórias em Quadrinhos como materiais com grande potencial de análise acadêmica. Embora neste trabalho não sejam aprofundadas as questões referentes ao público para o qual a HQ “Confinada” foi escrita, é possível problematizar seu contexto de produção, isto é, o período do primeiro ano da Pandemia da Covid-19 no Brasil e sua primeira forma de publicação por meio das redes sociais digitais.

Durante o contexto pandêmico, um dos vários debates que se acentuaram em nossa sociedade foi o relativo à presença do universo digital no cotidiano. Prado (2021) exemplifica que desde os anos finais do século XX estamos vivenciando a “Era da Internet” ou “Era Digital”. Este autor dialoga sobre como a relação com o digital impacta na pesquisa histórica, especialmente no que se relaciona ao debate teórico-metodológico com fontes digitais. Propõe uma problematização sobre o fato de fazer história na Era Digital ser diferente de fazer uma História Digital, afirmando que para esta segunda forma devemos levar como fator de análise

o modo como “as tecnologias digitais têm impactado a produção e a difusão do conhecimento histórico” (Prado, 2021, p. 9).

Nesta perspectiva, faz-se necessária uma reflexão acerca de meu objeto e fonte de pesquisa, que nos dizeres de Almeida (2011) se encaixa enquanto uma fonte primária digital. Pelo seu formato de publicação ser em meio digital, a produção configura-se enquanto uma *WebComics*, tradução literal como “Quadrinhos da Web”. Esse tipo de narrativa possui espaços on-line próprios para sua divulgação, como os sites *Webtoon*, *Tapas*, *Tappytoon* e *Webcomics*. No entanto, “Confinada” não foi produzida nem lançada nestas plataformas, a história em quadrinhos foi publicada pela rede social *Instagram*, entre o período de abril de 2020 e abril de 2021, contabilizando quase um ano exatamente.

Os pesquisadores Santos e Corrêa (2014) analisam *Combo Rangers* como a primeira *WebComic* brasileira, publicada na década de 1990. Dentre as discussões levantadas, refletem sobre o fato de que as publicações em formato digital são repletas de diferenças para os quadrinhos físicos, especialmente no que diz respeito ao formato e limites de paginação, jogo de cores e conversas informais. Elevam a questão referente de que o autor passa a ser o editor da própria obra, refletindo sobre “o que”, “como” e “quando” colocar na HQ, aliado ao fato de que há maior contato entre autores-leitores, possibilitando uma construção narrativa e entendimento de interesse do público.

Dentre as características aqui citadas, a *WebComics* Confinada só não segue um “formato padrão” das publicações digitais no que tange à sua paginação. Por ser publicada na rede social *Instagram*, seus capítulos ficam limitados em dois sentidos: primeiramente no que diz respeito ao tamanho de imagem permitido pela plataforma (1.080 *pixels*); em segundo lugar o número máximo permitido em uma única publicação é de dez imagens, desta forma as narrativas contínuas longas do quadrinho precisam ser “quebradas” ao serem publicadas em momentos distintos.

Mesmo assim, a publicação por estar na plataforma *Instagram* possibilita um maior alcance de público, seja por marcação entre os fãs, seja pela divulgação ou pelo uso das *hashtags*. A frequência da publicação dos capítulos (uma vez por semana, e às vezes duas) faz com que os algoritmos desta rede social engajem a narrativa e entreguem os capítulos a um público ainda maior. Arelado a esses fatores, a possibilidade de tecer comentários e realizar um contato entre autor-leitor, possibilita que os debates levantados nas narrativas se tornem mais próximos do público.

Problematizando as representações: o que a fonte nos diz?

A História do Tempo Presente, área de concentração dessa pesquisa, é um campo que possui temas específicos a depender do local em que está sendo discutido. Sua versão francesa surge em 1978, tendo como principal objeto de estudo a Segunda Guerra Mundial. Já no período de transição entre séculos XX e XXI o campo alcança outros espaços, como a América Latina, tendo outros temas de estudo como as Ditaduras Militares. Embora tenham suas diferenças, percebe-se que a premissa base do campo se mantém: o estudo dos “passados que não passam” (Rousso, 2016), isto é, os acontecimentos traumáticos que continuam vivos na memória social da população.

Refletindo sobre o campo na América Latina, discute-se que os temas de estudo são atrelados, principalmente, à “violencia política, la violencia de Estado por parte de los distintos regímenes militares y autoritarios a través de las distintas violaciones de los derechos humanos” (Montaño, Higuera, 2022, p. 83). Neste trecho percebe-se quais são os conteúdos/temas/objetos pesquisados dentro o recorte da Ditadura Militar. A escolha desta área de estudo para a História do Tempo Presente ocorre, sobretudo, pelo fato da Segunda Guerra Mundial não ter impactado as sociedades latino-americanas da mesma forma que se fez presente na Europa, sendo assim, a demanda social envolvendo esses temas se dá de diferentes formas.

A historiadora mexicana Eugenia Allier Montaño (2020) explica sobre o campo da História do Tempo Presente na América Latina, concentrando sua análise numa marcação temporal dos objetos de estudo. Baseando-se na obra de Júlio Aróstegui, “*A história vivida*” (2004), a pesquisadora vai colocar que temas discutidos pelo campo estão relacionados com a coetaneidade do historiador para com, pelo menos, uma das três gerações de pessoas que vivenciaram os acontecimentos estudados. Partindo destas informações situadas até então, pretendo discutir a escravidão enquanto um objeto de estudo da História do Tempo Presente, mas, primeiramente, faz-se necessário uma nova discussão da escravidão.

Mbembe (2018), enquanto discutia as questões envolvendo sabedoria e necropolítica na modernidade ocidental, propõe que a categorização de quem vive e quem morre é uma política (violenta) de um Estado, argumentando que está presente nas Américas (colonização) e em África (Imperialismo). Em sua análise, dialogando com Frantz Fanon, discorre sobre como o colonizado é visto em “uma terceira zona, entre o estatuto do sujeito e objeto”



(Mbembe, 2018, p. 39). As proposições levantadas por ele já demonstram a violência para com os colonizados, especialmente os escravos que eram vistos como tendo uma “morte-em-vida” (Mbembe, 2018, p. 29).

Partindo das discussões teóricas e metodológicas feitas sobre os quadrinhos e fontes digitais, busco responder às duas questões basilares para a produção deste trabalho: como a escravidão é retratada no capítulo? E como este processo pode ser lido como um objeto de estudo da História do Tempo Presente? A análise da obra será feita em consonância com as discussões teóricas que permeiam essas categorias de estudo.

O capítulo chamado de Wakanda é o oitavo a ser disponibilizado para os leitores, e foi publicado no dia 21 de maio de 2020. Assim como os demais da obra, está organizado em nove quadrinhos, somado a uma última imagem com o título da WebComic e as redes sociais do roteirista e da coautora. Uma das primeiras considerações a ser feita sobre este capítulo é que ele possui um *flashback*, isto é, volta-se o tempo da narrativa para contextualização de uma informação. Será a partir deste retorno de três quadros que iremos problematizar o processo de como a escravidão é retratada no capítulo. No entanto, os demais quadros serão aqui compartilhados como fruto de contextualização da discussão de uma das categorias de análise de conteúdo que é a identidade - que será abordada posteriormente.

Figura 1– Capturas de Tela das imagens 5, 6 e 7 que compõem o Capítulo 8 - "Wakanda"



Fonte: Capturas de Tela feitas retiradas pelo autor da conta do Instagram “@leandro_assis_ilustra” no dia 20 de julho de 2023. Publicação feita no dia 21 de maio de 2020².

A figura acima é um compilado feito através da junção de três quadros, organizados em três imagens diferentes dentro da rede social, que compõem o capítulo de análise. Esta

²Link de acesso da imagem no *Instagram*: <https://www.instagram.com/p/CAcqqKdps-2>



sequência diz respeito a uma volta no tempo para o ano de 2018. Dentro das histórias em quadrinhos é comum encontrar características que indiquem momentos de *flashback* sem necessariamente haver uma informação, como é o caso dos quadrinhos analisados que indicam o período em que estão. Tais aspectos também estão presentes no capítulo, tanto pela cor mais amarelada quanto pela ausência de borda destes quadros.

Na sequência narrativa é possível observar que a personagem Ju e sua filha estão no cinema assistindo ao filme “Pantera Negra”, o que remete ao período de lançamento da obra cinematográfica a partir de 15 de fevereiro de 2018. Já no primeiro quadro surge o primeiro dilema da criança que não sabia de onde ela e sua mãe tinham “vindo”. Após assistir ao fim do filme, continuam o diálogo na praça de alimentação, onde a mulher responde o pouco conhecimento que possuía acerca das informações de sua família: “sua tataravó foi arrancada da África muito jovem”.

Uma busca por dicionários online indicam que a palavra “arrancar” tem por significados “obter com esforço”³ e “tirar por força”⁴. Tais resultados demonstram como roteirista e co-autora retratam o processo violento que era o da captura de escravizados em territórios africanos. Reflete-se ainda ao fato de que não há informações acerca do país de origem da tataravó que foi deslocada forçadamente neste contexto. Naquele período os territórios do continente não eram organizados na divisão política comum aos dias de hoje, mas sim separados pela variedade dos grupos étnicos-culturais.

O processo histórico de transformação de homens e mulheres africanos em cativos iniciava-se ou nas feitorias na África, do outro lado do Atlântico, ou na chegada aos portos brasileiros. Os africanos passaram a serem designados, pela sociedade escravista brasileira, pela terminologia “de nação” que não possuíam correlação com as formas por meio das quais os africanos costumavam identificar-se na África. Geralmente, nação referia-se ou a portos de embarque, a região de onde eram provenientes os escravos, ou a uma identificação dada pelos próprios traficantes em razão de algumas semelhanças atribuídas a tais escravos pelos europeus, de forma que somente é possível apontar regiões de procedência dos africanos e não grupos étnicos a que pertenciam (Mortari, 2015, p. 141).

Faz-se importante afirmar que tais populações tinham conhecimento de suas identidades, individuais e coletivas, e que muitas vezes resistiam à escravidão por meio do processo de negação aos nomes que lhes são atribuídos pelos brancos. Partindo da premissa

³Disponível em <<https://www.dicio.com.br/arrancar/>>. Acesso em: 17 nov. 23.

⁴Disponível em <<https://dicionario.priberam.org/arrancar>>. Acesso em 17 nov. 23.



de que atividades de registros (batismos, casamentos, óbitos, etc) são feitas pelos colonizadores e a comunicação em idiomas africanos era proibida, entende-se que as informações acerca das identidades das populações africanas foi ficando apenas na oralidade e, conseqüentemente, perdendo-se com o passar do tempo. Este desconhecimento a cerca das origens da população afrodescendentes se enquadra enquanto mais uma, das várias, formas de violência da escravidão para com estas pessoas.

Outra questão importante de ser destacada é no tocante ao adjetivo “jovem” colocado na obra pelos autores, indicando que a tataravó foi capturada num momento anterior à fase adulta. Sabe-se que os cativos mais novos eram mais lucrativos, especialmente as mulheres que poderiam ser reprodutoras de novos escravizados. Esses problemas, no entanto, não afetam a população branca, questão evidenciada neste capítulo da obra.

Figura 2– Capturas de Tela das imagens 2, 3 e 4 que compõem o Capítulo 8 - "Wakanda"



Fonte: Capturas de Tela feitas retiradas pelo autor da conta do Instagram “@leandro_assis_ilustra” no dia 20 de julho de 2023. Publicação feita no dia 21 de maio de 2020⁵.

A figura acima indica uma sequência narrativa de três quadros em que a influenciadora digital, Fran Clemente, responde uma caixa de perguntas da rede social *instagram* através da gravação de um vídeo curto que divide-se em quatro tempos (percebe-se essa característica através da pouca mudança de posição da personagem dos diferentes blocos). O recorte temporal das imagens é durante o período da Pandemia da Covid-19, época em que se passa a história. Em sua resposta, Fran dialoga sobre a origem francesa de sua família afirmando até mesmo qual região e uma característica marcante do lugar.

⁵Link de acesso da imagem no *Instagram*: <https://www.instagram.com/p/CAcqqKdps-2>



O quadro de número quatro é o que considerarei mais interessante para análise, pelos seguintes fatores: a fala da personagem e pelo símbolo colocado próximo à sua cabeça. O objeto retratado é uma flor-de-lis, figura que é associada à monarquia francesa. Faz-se importante uma reflexão acerca dos significados que poderia ser alocado por de trás deste objeto, colocando a personagem como sendo, possivelmente, de origem nobre. No que diz respeito à fala de Fran, percebe-se como a mesma coloca importância no conhecimento das “raízes” para compreensão de sua identidade. Tal informação, como vista foi, e ainda é, negada à população negra no Brasil.

Partindo do pressuposto teórico de que a coetaneidade permite o estudo de um passado móvel, em que é necessário que o historiador seja contemporâneo a pelo menos uma das três gerações que vivenciaram acontecimentos do passado, e que este passado (escravidão) ainda se faz presente por meio de suas consequências diretas (racismo, negação do conhecimento das origens, vulnerabilidade social, etc.), é por conta dessa continuidade da ausência do saber da identidade que coloco a escravidão enquanto um objeto de estudo da História do Tempo Presente.

Montaño (2020) ao discutir sobre as concepções temporais utilizando das reflexões de Julio Aróstegui, afirma que o que interessa à História do Tempo Presente é a interação/troca entre as gerações que compartilham uma experiência comum em um mesmo presente histórico. Desta forma, ao estudarmos o racismo na sociedade brasileira atual estamos analisando a experiência comum entre populações africanas e afrodescendentes. Pautando na ideia de que o racismo atual é uma consequência da escravidão; que o *modus operandi* da estrutura de poder mantém-se a mesma até os dias atuais.

Considerações finais

Conforme visto, as Histórias em Quadrinhos são importantes fontes de análise para compreender questões vinculadas ao contexto histórico e social de sua produção. Na obra “Confinada”, percebe-se como os autores abordam sua visão a respeito de um tema tão sensível como é a escravidão, colocando-o como um processo violento que fez com que parte significativa da população brasileira tivesse sua identidade original negada. O que ocorria, muitas vezes, naquela época era a transformação dos modos a qual estas pessoas se reconheciam, tendo múltiplas identidades



(...) de forma que, junto ao elo que liga o sujeito a sua terra de origem, outras identificações são criadas; deste modo ela não são fixas. Resultam da formação de histórias específicas e podem se constituir como um posicionamento em relação a um dado contexto, ao que Hall chama de “conjunto de posições de identidade”: dependem da pessoa, do momento e do contexto. As escolhas identitárias são mais políticas que antropológicas, mais associativas, menos designadas (Mortari, 2015, p. 140).

Ao voltarmos nossa análise para a obra, entendemos que a escolha de Ju e sua filha por “Wakanda” enquanto território de origem, é uma escolha política num ato de resistência e associação da população negra à um local de prosperidade em que estas pessoas assumem cargos de poder e não sofrem com violências coloniais/raciais por ser “isolado” do restante do mundo. Isto representa uma nova forma de entender as identidades da diáspora, que estão constantemente se transformando mesmo após o fim da escravidão.

É relacionado a essa questão, da continuidade das violências e da necessidade constante de transformação e autoafirmação de si, que considero a escravidão enquanto objeto de estudo a História do Tempo Presente. Essas práticas violentas se fazem presentes de diversas formas dentro da sociedade brasileira, sejam pelos racismos estruturais ou pela negação de direitos à essas populações.

Embora não tenham sido discutidos os conceitos relacionados à representação, que serão mais aprofundados na dissertação que dá origem a este trabalho, considero que a obra representa a visão dos autores frente à sociedade brasileira. Percebe-se como estamos organizados de modo a haver uma divisão social pautadas nas desigualdades de raça, classe e gênero. Ao abordar esses problemas através de personagens fictícios e propor uma mudança na estrutura, a narrativa produzida por Leandro de Assis e Triscila Oliveira se insere enquanto contra-hegemônica de combate e resistência a tantas formas de opressão vividas à população negra.

Referências

CARNEIRO, Aparecida Sueli. Epistemicídio. In: CARNEIRO, Sueli. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. Tese (Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade de São Paulo), 2005, p. 96-124.

CHINEN, Nobu. **O negro nos quadrinhos do Brasil**. São Paulo: Peirópolis, 2019.

DE ALMEIDA, F. C. O Historiador e as Fontes Digitais: uma visão acerca da Internet como fonte primária para Pesquisas Históricas. **Revista Aedos**, [S. l.], v. 3, n. 8, 2011. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/aedos/article/view/16776>. Acesso em: 20 out. 2023.



MBEMBE, Achille. **Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte**. São Paulo: N-1, 2018.

MONTAÑO, Eugenia Allier. El tiempo presente en la historia: generaciones, memoria y controversia. In: ALLIER MONTAÑO, Eugenia; ORTEGA, César Iván Vilchis; OVALLE, Camilo Vicente, (Coord.) **En la cresta de la ola. Debates y definiciones en torno a la historia del tiempo presente**. México: Universidad Nacional Autónoma de México, Bonilla Artiga Editores, 2020.

MONTAÑO, Eugenia Allier. HIGUERA, Laura Andrea Ferro. Memórias de violência em América Latina: debates públicos y agendas académicas. In: MULLER, Angélica; IEGELSKI, Francine (Org.). **História do Tempo Presente. Mutações e reflexões**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2022. P. 79 - 105.

MORTARI, Cláudia. Pensando a diáspora africana: algumas questões. In: ____ (org.). **Introdução aos Estudos Africanos e da Diáspora**. Florianópolis: DIOESC: UDESC, 2015. P. 137 -148.

NASCIMENTO, Beatriz. **Uma história feita por mãos negras**. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

POSTEMA, Barbara. **Estrutura narrativa nos quadrinhos: construindo sentido a partir de fragmentos**. São Paulo: Peirópolis, 2018.

PRADO, Giliard da Silva. Por uma história digital: o ofício de historiador na era da internet. **Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 13, n. 34, p. e0201, 2021. DOI: 10.5965/2175180313342021e0201. Disponível em: <https://revistas.udesc.br/index.php/tempo/article/view/2175180313342021e0201>. Acesso em: 12 out. 2023.

QUIJANO, A. Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina. Em: LANDER, Edgardo (org). A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. **Perspectivas latinoamericanas. Colección SurSur**, CLACSO, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina, set. 2005.

SANTOS, Roberto Elísio dos. CORRÊA, Victor Wanderley. Quadrinhos Nacionais no Ciberespaço: uma análise de Combo Ranger nos âmbitos digital e impresso. **Galaxia (São Paulo, Online)**, n. 27, p. 107-119, jun. 2014

SANTOS, Ynaê Lopes dos. **Racismo brasileiro: uma história da formação do país**. São Paulo: Todavia, 2022.

SILVA, Tomaz Tadeu da; HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

TÉ, P. A. A violência política colonial na África: um diálogo entre Mahmood Mamdani e Frantz Fanon. **Revista Aedos**, v. 14, n. 31, p. 45-60, jul.-dez., 2022.

VERGUEIRO, Waldomiro. **Pesquisa acadêmica em história em quadrinhos**. São Paulo: Criativo, 2017.